

GERALD BRAY

QUEM É JESUS?

principais acontecimentos da sua vida
da preexistência à segunda vinda

Tradução
Rogério Portella

Shedd
publicações

Copyright © 1959, THE PATERNOSTER PRESS

1ª Edição - Outubro de 2008

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por

SHEDD PUBLICAÇÕES LTDA-ME

Rua São Nazário, 30, Sto Amaro

São Paulo-SP - 04741-150

Tel. (011) 5521-1924

Vendas (011) 5666-1911

Email: sheddpublicacoes@uol.com.br

www.sheddpublicacoes.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

ISBN 978-85-88315-77-8

TRADUÇÃO: Rogério Portella

REVISÃO: Regina Aranha

DIAGRAMAÇÃO: Edmilson Frazão Bizerra

CAPA: Samuel Paiva

Prefácio

Esta coleção de estudos sobre a vida de Jesus teve início há vários anos como uma série de artigos sobre diferentes aspectos da doutrina cristã, publicados na revista *Evangel* [*Evangelho*] entre os anos de 1984 e 1986. Naquele momento, sua aceitação foi boa; no entanto, apenas quando fui contatado por Malcolm Maclean, da Christian Focus Publications, pensei com seriedade em dar-lhes forma mais permanente. Escolhemos juntos seis dos doze artigos originais, e decidimos agrupá-los em torno da vida de Jesus, o que deu ensejo à escrita de capítulos adicionais para ocupar as lacunas deixadas pela série original. (Eles foram escritos especialmente para este livro.) Rer ler os primeiros capítulos foi uma tarefa mais difícil que imaginei; creio, porém, que o resultado seja uma apresentação mais coerente que a anterior.

Sou muito grato ao sr. Maclean e à equipe da Christian Focus pelo interesse demonstrado na publicação deste material; oro para que ele seja útil ao maior número possível de cristãos. Vivemos em dias perigosos, nos quais é

fácil trilhar o caminho do mundo e esquecer o Senhor. Talvez sempre tenha sido assim, mas é minha oração que os leitores deste livro possam voltar para ele — a fonte da nossa vida — a quem fomos chamados para amar e servir de todo o coração, de toda a alma, de toda a mente e de toda a força.

GERALD BRAY

Capítulo I

A preexistência de Cristo

“No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus.” A linha de abertura do evangelho de João é um dos versículos mais famosos, e ao mesmo tempo, mais difíceis da Bíblia. Seu significado tem sido ponderado e debatido pelos teólogos desde o princípio do cristianismo, e entendê-lo corretamente permanece um dos maiores desafios à nossa fé. Quem ou o que é a Palavra? E o que significa dizer que a Palavra estava “com Deus” e era Deus simultaneamente?

O próprio João não nutria dúvidas sobre a identificação da Palavra com Jesus Cristo, pois poucas linhas abaixo adicionou: “Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós”, esclarecendo que algo ou alguém divino tornara-se um ser humano. Entretanto, essa Palavra era uma “pessoa” antes de humanizar-se, ou apenas uma parte de Deus, como, por exemplo, sua mente? Ou falamos, na verdade, a respeito de um plano divino, cumprido na vida de Jesus — ainda que ele mesmo não seja nada mais que um ser humano?

Essas questões são importantes, pois as respostas que lhes dermos determinarão o que teremos a dizer, em seguida, a respeito da vida e do ministério de Jesus. O profeta de Nazaré era apenas um rabino extraordinário que apresentou a seus seguidores uma nova forma de entender o judaísmo, e pagou o preço por isso? Ou era ele Deus em carne humana, usando seu tempo na terra como preparação para sua morte e ressurreição, para cumprir a grande obra de salvar a raça humana?

A primeira resposta pode ser sustentada por qualquer pessoa, sem que isso lhe faça nenhuma diferença, ou para quem quer que seja.

A segunda opção causa problemas, por demandar um nível de fé que ultrapassa o humanamente aceitável, e, uma vez aceita, transformará a vida da pessoa para sempre. Ela é a origem da igreja cristã, e continua gerar novos crentes hoje. Sem ela não haveria cristãos nem cristianismo. Essa é a causa de sua importância, e a razão pela qual precisamos nos dedicar a ela antes de considerarmos qualquer outro assunto a respeito da vida e da obra do homem Jesus de Nazaré.

Os cristãos crêem nisto: Existe um Deus, revelado à humanidade em várias formas. Quando ele criou o mundo, falou a nossos primeiros ancestrais mediante as leis da natureza — o que eles entenderam e aceitaram como um dom da parte de seu criador. Mais tarde, ele falou-lhes pela agência dos profetas, inspirados a pregar dois tipos de mensagens: de condenação e de redenção. A condenação deveu-se pelo fato de os homens terem pecado contra Deus,

e se afastado do que sabiam ser correto. No entanto, Deus não estava disposto a abandonar suas criaturas, e junto da condenação havia uma mensagem de redenção mediante sacrifício e morte. Isso era realizado por meio de uma série de rituais cuidadosamente planejados, centrado no templo cuja construção Deus ordenou em Jerusalém. No entanto, isso sempre deveria ser entendido como solução provisória do problema, porque um dia Deus interviria de modo mais decisivo, aperfeiçoando o que era indicado apenas por meio de sinais e símbolos no templo. O cumprimento foi realizado por Jesus, que pôs fim à necessidade dos sacrifícios no templo, e deu origem a uma forma completamente nova de entender a Deus e de relacionar-se com ele.

No entanto, apesar de o Deus que realizou tudo isso ser um e único, sua unidade não era tão simples quanto podemos imaginar. Em certo sentido, a unidade divina pode ser comparada à unidade do átomo, a menor unidade com existência independente. Exteriormente os átomos parecem constituir uma unidade, mas os cientistas descobriram que em seu *interior* existe todo um mundo de energia, representado por prótons, nêutrons e elétrons — não detectáveis de modo independente, mas que formam o átomo, e caso seja dividido, libera energia poderosa o suficiente para destruir grandes porções de nosso planeta. De modo um tanto similar, Deus é exteriormente um, mas em seu interior existem três pessoas, que se relacionam entre si, e conjuntamente realizam a obra de Deus no mundo. Essas três pessoas não existem independente-

mente, tampouco representam partes distintas de Deus da mesma forma que o próton, por exemplo, é parte do átomo. Cada pessoa é por si mesma plenamente Deus, mas nenhuma pessoa existe por si só. Conhecer uma delas equivale a conhecer as três.

No Antigo Testamento, Deus revelou-se em sua unidade, sem qualquer distinção interpessoal perceptível nesse tempo. Muita gente presume automaticamente que Deus deve ser identificado com a pessoa do Pai, revelada no Novo Testamento, mas isso não é correto de forma estrita. Antes da vinda de Cristo, as três pessoas falavam com a mesma voz, e é impossível dizer qual delas era mais presente que as demais, ou o contrário. Devemos nos recordar que Jesus ao ensinar os discípulos a orar o Pai Nosso, ele disse algo que lhes pareceu uma novidade, e ao chamar Deus de *seu* Pai, escandalizou os judeus que o ouviam (Jo 5.18). Esse uso era tão peculiar de Jesus que, mesmo após muitos anos, a palavra aramaica *Abba* (“Pai”), usada por ele em oração, ainda era recordada e usada como lembrete do caráter exclusivo da experiência cristã (Gl 4.6). Isso não teria acontecido se os judeus estivessem acostumados à palavra *Pai* em suas orações; portanto, devemos presumir-lhes a falta de costume de pensar em Deus desse jeito.

Do mesmo modo os judeus que faziam objeção ao uso dado por Jesus à palavra *Pai*, perceberam com clareza que chamá-lo Deus era ter um relacionamento com ele, fundamentalmente um relacionamento entre iguais. O filho pode demonstrar deferência ao pai e aceitar-lhe a

prioridade histórica e lógica, mas é óbvia sua igualdade com o Pai no nível humano básico. De fato, é comum os pais se sentirem muito orgulhosos dos filhos, acabando por considerá-los melhores que eles mesmos, basta para isso os filhos terem a capacidade de conquistar o que lhes foi negado. Com certeza ninguém sugerirá a comparação de uma criança com um cão ou um gato, por serem criaturas inferiores.

Ao chamar Deus de Pai, Jesus disse a todos que também era Deus — afirmação destinada a ocasionar problemas se as pessoas que a ouviram cressem na existência de um único Deus (crença correta). Como seria possível o Pai e o Filho partilharem o mesmo e único ser? O Novo Testamento não dá uma resposta específica a essa pergunta, mas existe um número importante de indicações que nos ajudam a entender como isso pode ser. João indica que a Palavra existia no princípio; portanto, nunca houve tempo em que a Palavra não existia. Essa Palavra estava “com Deus”, significando não só a existência da Palavra no ser de Deus muito antes de surgir o mundo, mas que a Palavra deveria ser separada como entidade diferente. Por fim, a Palavra era Deus na plena acepção do termo; desse modo, tudo o que se diz de uma pessoa deve ser automaticamente aplicado também à outra. Em nenhuma passagem a Bíblia usa o termo “pessoa” para descrever a Palavra, ou mesmo para descrever Deus nesse sentido. Contudo, evidencia-se, a partir da Escritura, que o termo “pessoa” é apropriado para expressar esse significado. Pessoas não são objetos — devemos usar pronomes com referência ao gênero para

designá-los, e não partículas neutras. A Bíblia sempre se refere a Deus como “ele”, e, portanto, a Palavra, sendo Deus, também deve ser masculina. Igualmente importante é a afirmação de João sobre a Palavra realizar os mesmos atos que Deus no início do mundo: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito” (Jo 1.3). Essa expressão um pouco mais convoluta esclarece que a Palavra deve ser considerada o Criador, e esse tema é usado posteriormente pelo apóstolo Paulo, afirmando praticamente o mesmo na carta aos Colossenses (1.16,17).

Caso a Palavra seja o Criador, isso implica a impossibilidade de defini-lo em termos aplicáveis apenas à ordem criada. Isso é importante quando se pondera sobre o significado do vocábulo “Filho” aplicado à Palavra. A imagem mental do relacionamento Pai-Filho, já destacada, normalmente significa o processo do nascimento, e a existência do Pai precedente ao surgimento do filho. Mas, no caso da Palavra, esse pressuposto não se aplica, pois ele estava presente no princípio. Portanto, precisamos entender esse relacionamento de Pai e Filho de forma diversa.

Após as controvérsias na igreja primitiva, por muitos séculos essa questão continuou e foi raramente debatida, mas o feminismo moderno apresentou uma dimensão completamente nova sobre o assunto: Deus é masculino? Qual o significado da linguagem masculina? Inicialmente, podemos dizer que Deus não é masculino, pelo menos não no sentido humano padrão. Além disso, tudo o que se refere ao processo de nascimento e reprodução deve ser

excluído quando nos referimos a ele. Pai e Filho são expressões que representam o relacionamento existente entre essas duas pessoas, paralelo ao nível humano, mas indeterminado por ele. As duas pessoas são semelhantes, e o Filho é explicitamente chamado de “herdeiro” de todas as posses do Pai. Seu relacionamento não é competitivo ou de rivalidade, mas de complementação mútua e interdependência. O mesmo sentido poderia ser bem expresso pelas analogias Mãe-Filha ou Marido-Mulher?

O problema principal não é que a imagem mental Mãe-Filha introduza um elemento sexual não pertencente a Deus. A Filha poderia muito bem residir no ventre da Mãe antes de nascer. Alguns cristãos antigos criam em algo muito semelhante a essa idéia: eles imaginavam que de algum modo a Palavra estava oculta em Deus até ser produzida com o objetivo de criar o mundo. Resultou daí certo grau de confusão a respeito da identidade da Palavra, que conduziu Ário (m. 336 d.C.), em um extremo, a declarar que a Palavra era uma criatura, não o Criador. A imagem Mãe-Filha apenas reforçaria essa possibilidade e, portanto, é menos apropriada para a descrição do ser interior de Deus. Além disso, essa imagem (Mãe-Filha) impossibilitaria a encarnação da Filha a menos que a Mãe também encarnasse e se deixasse engravidar por um homem. Isso se oporia claramente ao que a Escritura diz sobre a invisibilidade e transcendência do Pai, e poderia transformar o cristianismo em algum culto da fertilidade — algo provável no mundo antigo, por mais estranho que pareça hoje.